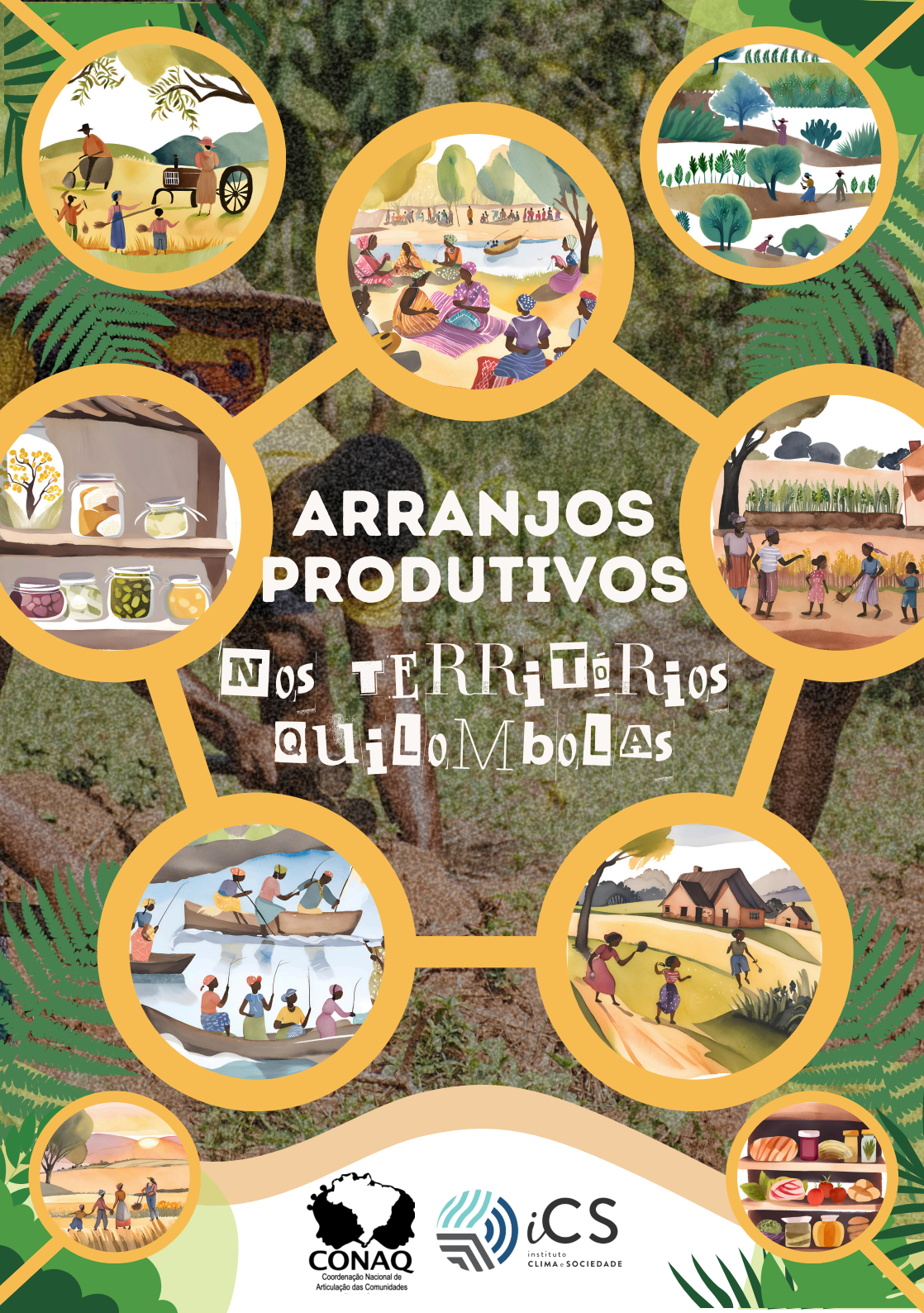




ARRANJOS PRODUTIVOS

Nos TERRITÓRIOS QUILÔMETROS





ARRANJOS PRODUTIVOS

Nos TERRITÓRIOS
QUILÔMETROS

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Arranjos produtivos [livro eletrônico]: nos territórios quilombolas / Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas ; organização Jhonny Martins de Jesus...[et al.]. -- Brasília : Associação Nacional de Quilombos para Cooperação Negra Anastácia, 2025. Formato: PDF Outros organizadores: Selma dos Santos Dealdina Mbaye, Sandra Maria da Silva Andrade, Nathália Purificação, Sarah Fogaça da Silva. ISBN 978-65-996160-4-4

1. Arranjos produtivos quilombolas.

2. Mulheres - Feiras quilombolas.

3. Produção - Quilombola.

I. Jesus, Jhonny Martins de. II. Título.

CDD-338

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático

1. Produção : Quilombola 338



FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO: Jhonny Martins de Jesus, Selma dos Santos Dealdina Mbaye, Sandra Maria da Silva Andrade, Nathália Purificação e Sarah Fogaça da Silva

REVISÃO: Selma dos Santos Dealdina Mbaye e Sarah Fogaça da Silva.

DIAGRAMAÇÃO: Ailton Borges

COORDENAÇÃO EXECUTIVA DA CONAQ:

Ana Maria Cruz, Arilson Ventura, Célia Cristina Silva, Celso Araújo, Denildo Rodrigues de Moraes, Fabio Fernando de Souza, Florisvaldo Rodrigues da Silva, Ivo Fonseca Silva, Laura Ferreira da Silva, Maria Aparecida Sousa, Maria Isabel Cabral da Silva, Maria Rosalina dos Santos, José Alex Borges, José Andrey dos Santos Cardoso, José Carlos Galiza Guerreiro, José Silvano Silva Santos, Justino Campos (In Memoriam), Núbia Cristina Santana de Sousa, Sandra Maria da Silva Andrade, Sandra Pereira Braga, Valmir dos Santos e Xifronese Santos.

COMUNICAÇÃO: Nathália Purificação

ARTE: Victória Lisboa do Nascimento e Ailton Seabra Borges

CONSULTORIA: Andréa Souza Bomfim e Mauricio de Siqueira Silva



INTRODUÇÃO

A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) surgiu como uma importante força do movimento quilombola no Brasil. Originada da transformação de uma Comissão Provisória em 1996, a CONAQ consolidou-se como um movimento social essencial na luta por direitos e reconhecimento das comunidades quilombolas. O II Encontro Nacional, realizado em 2000, marcou um momento decisivo para essa articulação, fortalecendo a representação direta das comunidades. Atualmente, a CONAQ está presente em 24 estados e atua junto a aproximadamente 6 mil comunidades quilombolas, por meio de diferentes formas organizativas, como Associações, Federações e Comissões. Seu protagonismo no cenário nacional ampliou o debate sobre a diversidade étnica do Brasil e reafirmou a resistência quilombola.

Neste sentido, entre as diversas atuações da CONAQ, destaca-se a produção de dados, mapeamentos, publicações e diagnósticos sobre as realidades das comunidades quilombolas. Esta cartilha é fruto de um diagnóstico sobre os arranjos produtivos dos quilombos, explorando a importância e os desafios da produção quilombola, bem como seus impactos cultural, econômico e social. O material também enfatiza o protagonismo das mulheres e a relevância de iniciativas como feiras quilombolas.





COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL: UM PATRIMÔNIO VIVO

As comunidades quilombolas são as guardiãs das práticas culturais e modos de vida que resistem ao longo de séculos. Suas produções artesanais e agrícolas refletem não apenas o compromisso com a ancestralidade, mas também a busca pela sustentabilidade e pela valorização da identidade.

Essas práticas garantem a subsistência de milhares de famílias e preservam um legado que conecta passado, presente e futuro. Essas comunidades enfrentaram — e ainda enfrentam — séculos de desafios impostos por contextos raciais, socioeconômicos e políticos, mas continuam a transformar adversidades em oportunidades por meio de produções que aliam saberes tradicionais, sustentabilidade e criatividade.

Os produtos quilombolas — como bolos tradicionais, licores de frutas nativas, bijuterias de capim dourado e utensílios feitos com materiais extraídos dos biomas de cada território— carregam um simbolismo profundo. Cada item produzido reflete a relação íntima com a terra, a sabedoria ancestral transmitida oralmente e o compromisso com a sustentabilidade.

No entanto, a comercialização desses produtos esbarra em questões complexas, como a falta de padronização, as certificações exigidas pelo mercado formal, a infraestrutura inadequada e o acesso limitado a canais de distribuição. Esses obstáculos não apenas restringem o potencial econômico dessas comunidades, como também colocam em risco a preservação de suas práticas culturais.

A implementação de políticas públicas e de iniciativas como o Selo Quilombos do Brasil tem desempenhado um papel importante na valorização dos produtos quilombolas, criando oportunidades para que alcancem mercados mais amplos. Além disso, feiras temáticas e programas de apoio, como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), têm promovido espaços de visibilidade e fortalecimento da autoestima das comunidades. No entanto, a jornada para superar desigualdades históricas ainda exige um esforço conjunto que envolva o governo, a sociedade civil, a academia e os próprios quilombolas.

SELO “QUILOMBOS DO BRASIL”



O selo “Quilombos do Brasil” é um marco importante no reconhecimento e na valorização dos produtos originários das Comunidades Quilombolas. Instituído pela Portaria Interministerial MDA/MIR/MINC/FCP nº 5, de 17 de novembro de 2023, o selo simboliza a luta histórica dos movimentos sociais em defesa dos direitos dos povos quilombolas e reflete o compromisso do Estado brasileiro com a preservação da identidade étnica e territorial dessas comunidades.



O selo “Quilombos do Brasil” foi criado para identificar e destacar produtos produzidos por comunidades quilombolas, conferindo visibilidade à rica diversidade cultural e ao valor social desses povos. Para obter o selo, as comunidades devem comprovar sua certificação como quilombolas, conforme a regulamentação da Fundação Cultural Palmares.



Esse selo não apenas fortalece a economia dos territórios quilombolas, como também se afirma como um instrumento de resistência e valorização da identidade quilombola. Por meio dele, as comunidades são empoderadas a manter vivas suas tradições e práticas culturais, assegurando seu espaço e sua participação ativa na economia nacional.

Além de garantir a procedência e a qualidade dos produtos, o selo desperta no consumidor a consciência sobre o valor da sustentabilidade, da responsabilidade social e ambiental, e da valorização das culturas locais e regionais. Diante da crescente demanda por produtos que promovam impacto social positivo e respeito ao meio ambiente, o Selo Quilombos do Brasil agrega valor à produção quilombola, incentivando a geração de renda e o desenvolvimento local sustentável. Com isso, alinha-se aos objetivos de conservação e fortalecimento das práticas culturais e produtivas tradicionais.

AMOSTRAS QUILOMBOLAS



ESSES ESPAÇOS CONTRIBUEM PARA O
FORTALECIMENTO ECONÔMICO E CULTURAL DAS
COMUNIDADES, EMPODERANDO AS MULHERES E
PRESERVANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL.

AMOSTRAS QUILOMBOLAS

Esta cartilha também tem como objetivo apresentar duas amostras (feiras) de produtos quilombolas organizadas pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ): a primeira, realizada durante o II Encontro Nacional de Mulheres Quilombolas, entre os dias 14 e 18 de junho de 2023, em Brasília (DF); e a segunda, a Feira de Produtos Quilombolas promovida no âmbito do II Aquilombar — Ancestralizando o Futuro — no dia 16 de maio de 2024, também em Brasília.

Esses eventos foram fundamentais para a divulgação e comercialização dos produtos quilombolas, ao destacarem as tradições e habilidades artesanais das comunidades e oferecerem uma percepção rica e diversa de suas produções.



AMOSTRAS DE PRODUTOS QUILOMBOLAS: II ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES QUILOMBOLAS DA CONAQ

O II Encontro Nacional de Mulheres Quilombolas reuniu mais de 350 mulheres de 24 estados brasileiros, além de participantes da Colômbia e do Equador. Com o tema “Resistir para Existir”, o evento — organizado pelo Coletivo de Mulheres da CONAQ — abordou questões centrais, como a necessidade de políticas públicas específicas para os quilombos e a garantia dos direitos das mulheres quilombolas.

Durante o evento, a amostra de produtos feitos por mulheres quilombolas de diferentes estados se destacou. Esses produtos não apenas foram comercializados, mas também desempenharam um papel fundamental na valorização e divulgação da cultura quilombola. Esses espaços contribuem para o fortalecimento econômico e cultural das comunidades, empoderando as mulheres e preservando o patrimônio cultural.



ESPÍRITO SANTO



“Cada família tem uma farinheira, e cada mulher produz na sua. Usamos a goma, que vem do polvilho da mandioca, usamos açúcar e coco. Nós produzimos e comercializamos nas feiras do nosso município e temos outros produtos que complementam a renda como a pimenta, o corante, o café que predomina dentro das nossas comunidades”

Sandra dos Santos Penha, 47 anos, da comunidade quilombola Divino Espírito Santo, no município de São Mateus - ES, trouxe o beiju de tapioca para comercializar na mostra das mulheres, um produto que é uma tradição em sua comunidade. Entre os diversos sabores oferecidos, destacam-se o beiju de coco, o paçu de coco e o beiju de amendoim. Sandra compartilha que a produção do beiju ainda é realizada de forma artesanal, mas o grupo de mulheres de sua comunidade está dedicadamente trabalhando para conquistar o selo de comercialização. Ela descreve detalhadamente o processo de produção, ressaltando o cuidado e a tradição envolvidos em cada etapa.



RIO DE JANEIRO



“É um projeto de fortalecimento e renda para as mulheres. Conseguimos as máquinas do ateliê através de um edital e juntamos mulheres para participar. Tínhamos mulheres que não saiam de casa porque tinham medo de se comunicar e através do projeto elas perderam esse medo. Nós pretendemos montar uma cooperativa e trazer mais renda para as mulheres.”

Landina Maria Antônia de Oliveira, 68 anos, presidente da Associação do Quilombo Maria Joaquina, em Cabo Frio - RJ, trouxe uma variedade de bolsas, pochetes e necessaires para a feira, todas confeccionadas em um ateliê local onde 48 mulheres se dedicam ao aprendizado e à produção desses itens. Landina destaca a importância desse projeto, explicando como ele não apenas gera oportunidades econômicas para as participantes, mas também fortalece o empoderamento feminino e preserva a cultura local através do trabalho artesanal. Ela compartilha mais sobre como a iniciativa contribui para a coesão da comunidade e promove a autonomia das mulheres envolvidas.



MATO GROSSO DO SUL



"Nosso grupo se reúne e ensina outras mulheres para manter a tradição. As peças são comercializadas na feira mensal organizada pela nossa Associação. Então é muito gratificante estar expondo o nosso trabalho aqui, viemos em 13 mulheres representando o nosso quilombo"

Luzia Balbina dos Santos, 54 anos, da comunidade quilombola Furnas do Dionísio, no município de Jaraguari - MS, trouxe para a exposição uma seleção da produção artesanal desenvolvida por um grupo de mulheres do quilombo. Entre as peças destacam-se as mandalas, que têm o formato de flores e são elaboradas com sementes de plantas do cerrado, como o "Pente de Macaco" e a "Carobinha", cuidadosamente colhidas na região. Luzia também apresenta outras criações, como o "cachepot", versátil como vaso ou porta-trecos, feito a partir da fibra da bananeira e sementes de coco, além de peneiras confeccionadas com "taboca". Ela explica como cada peça reflete a riqueza cultural e a habilidade das mulheres da sua comunidade.



TOCANTINS



"Essa tradição culinária era da minha avó e foi passando de geração em geração. Muitas pessoas passaram pela nossa banca e estão gostando e elogiando muito. Estamos aqui juntas para apresentar a nossa potência. Mulheres quilombolas ajudando mulheres quilombolas"

Ivanilce de Araújo Lopes, 39 anos, da comunidade quilombola Mata Grande, em Monte do Carmo - TO, trouxe para a comercialização uma seleção de delícias tradicionais, incluindo o bolo de arroz e o bolo de mãe, ambos preparados com a palha de bananeira, além do bolo quebrador, peta e licor de jenipapo. Cada um desses produtos reflete a riqueza das receitas tradicionais da comunidade, preservando o sabor e a cultura local através de métodos autênticos de preparo. Ivanilce destaca como essas iguarias não só representam a identidade culinária do quilombo, mas também oferecem uma oportunidade para compartilhar e valorizar as tradições quilombolas com o público.



TOCANTINS



"O capim dourado é nativo das veredas e ele é um produto muito importante pra gente, pois através do capim dourado fazemos nosso artesanato. Eu aprendi com uma cunhada, mas a minha mãe já fazia, só que não tinha muito valor naquela época. Hoje, é algo valorizado. Está fazendo o maior sucesso o nosso capim dourado".

Juelina Alves da Silva, 49 anos, da comunidade quilombola Lagoa Azul, em Ponte Alta do Tocantins, exibiu uma coleção impressionante de peças confeccionadas com capim dourado, evidenciando a habilidade das artesãs quilombolas da Região do Jalapão. Entre as criações destacam-se jóias sofisticadas, 'sousplat', 'tapiti' e quibano, cada uma delas refletindo a rica tradição e a técnica aprimorada das mulheres da comunidade. Juelina ressalta como essas peças não apenas celebram o artesanato local, mas também ajudam a preservar e promover a cultura do quilombo através de seus produtos únicos e expressivos.



A photograph of a man wearing a blue baseball cap, glasses, and a blue long-sleeved shirt. He is holding a large ear of corn with both hands. In the foreground, there is a table covered with a red cloth featuring a blue and white floral pattern. On the table are several plastic bottles of varying sizes and colors (green, blue, brown) containing different liquids or oils. To the right of the bottles are several large, light-colored, irregularly shaped objects, possibly pieces of wood or stone. The background shows a tent structure and some outdoor scenery.

**FEIRA DE PRODUTOS
QUILOMBOLAS: EVENTO II
AQUILOMBAR
“ANCESTRALIZANDO O
FUTURO”**

FEIRA DE PRODUTOS QUILOMBOLAS: EVENTO II AQUILOMBAR “ANCESTRALIZANDO O FUTURO”

O evento "Aquilombar – Ancestralizando o Futuro" aconteceu no dia 16 de maio de 2024, na FUNARTE, em Brasília, promovido pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

Esta segunda edição, com o tema "Ancestralizando o Futuro", foi marcada por um dia repleto de atividades diversificadas, incluindo palestras, performances culturais, exposições artísticas, uma feira temática quilombola, rodas de conversa, lançamentos de dados e iniciativas sociais — culminando em uma marcha até o Congresso Nacional.

Aqui, vamos nos concentrar na feira quilombola realizada durante o evento, destacando as iguarias e produções do nosso povo.



FEIRA DE PRODUTOS QUILOMBOLAS: EVENTO II AQUILOMBAR “ANCESTRALIZANDO O FUTURO”

A feira foi um dos momentos de destaque do evento, apresentando iguarias e produções do povo quilombola. Durante sua realização, foi feito um mapeamento com quilombolas de comunidades de diversas cidades, como Almas, Bom Despacho, Belo Verde, Carneiros, Corumbá, Esperantino, Monte Alegre, Monte do Carmo, Nioaque, Salgueiro, entre outras — localizadas nos estados de Goiás, Maranhão, Alagoas, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco e Tocantins.

A pesquisa revelou que 96,2% dos quilombolas entrevistados pertencem a quilombos rurais, a maioria situada em áreas rurais, onde se dedicam principalmente à agricultura, criação de animais, pesca artesanal e extrativismo. Essas atividades garantem o sustento das comunidades e também fornecem produtos para o mercado local, contribuindo para o desenvolvimento econômico da região. Sobre o papel das mulheres nos quilombos, 93,3% dos entrevistados e entrevistadas afirmaram que elas exercem funções de liderança.

As mulheres quilombolas desempenham um papel essencial na administração das comunidades, preservando a cultura quilombola, protegendo o meio ambiente e lutando pelos direitos, território e políticas públicas, sendo fundamentais para a sobrevivência das comunidades e a transmissão das tradições.

FEIRA DE PRODUTOS QUILOMBOLAS: EVENTO II AQUILOMBAR “ANCESTRALIZANDO O FUTURO”

Em relação à participação da juventude nas tomadas de decisões, 69,2% dos entrevistados disseram que sim. O coletivo da juventude da CONAQ destaca a necessidade de expandir a participação de jovens quilombolas em diversos espaços e eventos, tanto dentro quanto fora das comunidades.

No que diz respeito a serviços e infraestrutura, 57,7% das comunidades disseram não possuir posto de saúde, enquanto 42,3% afirmaram que sim. A carência de infraestrutura adequada e a falta de serviços essenciais, como saúde, continuam a ser desafios cruciais que comprometem a qualidade de vida nas comunidades.

Para fortalecer a produção agrícola e pesqueira nas comunidades quilombolas, é essencial criar e melhorar canais de escoamento e vendas que atendam às necessidades locais e ampliem o alcance dos produtos. Atualmente, 30,8% dos produtos são vendidos em feiras na cidade, 26,9% nas feiras locais e no quilombo, e o restante por meio da internet, vendas porta a porta e eventos. A criação e o apoio a feiras comunitárias, como a feirinha mencionada por 73,1% dos entrevistados, pode ser uma solução eficaz para fortalecer a economia local.

FEIRA DE PRODUTOS QUILOMBOLAS: EVENTO II AQUILOMBAR “ANCESTRALIZANDO O FUTURO”

Além disso, a implementação de políticas que incentivem a participação em programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), nos quais 65,4% e 76,9% dos entrevistados, respectivamente, não estão envolvidos, pode ampliar o mercado e garantir uma renda mais estável para as famílias quilombolas.

A falta de infraestrutura, como cozinhas comunitárias, mencionada por 80,8% dos entrevistados, e a limitada participação em programas de compras institucionais, destacam a necessidade de investimentos em recursos e suporte financeiro. Estabelecer linhas de crédito específicas para a agricultura e pesca artesanal, juntamente com o fortalecimento de feiras locais e programas de compras institucionais, pode ajudar a superar essas limitações e permitir que as mulheres quilombolas e suas comunidades expandam suas atividades produtivas e melhorem suas condições econômicas.

A pesquisa também revelou que 96,2% das iniciativas de produção são coordenadas por mulheres. Em relação à presença de grupos de apoio à população LGBTQIAPN+ nas comunidades, 61,5% dos entrevistados afirmaram a ausência desses grupos, enquanto 19,2% confirmaram sua existência, e os demais não souberam responder.

CONCLUSÃO



Panorama de tudo que foi exposto A produção quilombola é, simultaneamente, um meio de sobrevivência econômica, um símbolo de resistência cultural e uma prática de sustentabilidade ambiental. Ao analisarmos o papel dessas comunidades na preservação de saberes e práticas ancestrais, percebemos que sua contribuição vai muito além da economia local. Elas oferecem um modelo de convivência harmônica com o meio ambiente e de valorização da cultura como um ativo essencial para o desenvolvimento sustentável.

Apesar dos avanços proporcionados por iniciativas como o Selo Quilombos do Brasil e os esforços de programas públicos, é evidente que persistem desafios estruturais que limitam o pleno potencial das comunidades quilombolas. A ausência de infraestrutura básica, como cozinhas comunitárias e transporte eficiente, somada à dificuldade de acesso a políticas de crédito e capacitação técnica, fragiliza o crescimento sustentável dessas comunidades. Além disso, a luta por reconhecimento e valorização cultural muitas vezes esbarra em preconceitos históricos e em barreiras institucionais que desconsideram as especificidades das práticas quilombolas.

A comercialização de produtos quilombolas também demanda um olhar mais amplo sobre o papel da identidade cultural no mercado contemporâneo. Consumidores estão cada vez mais interessados em produtos que carreguem histórias, valores sustentáveis e impacto social positivo, e os produtos quilombolas atendem plenamente a essas expectativas. Contudo, para que essas produções conquistem o reconhecimento que merecem, é essencial que o Estado amplie políticas públicas voltadas para regularização fundiária, crédito agrícola, programas de compras institucionais e acesso a feiras e eventos nacionais e internacionais.



Além do aspecto econômico, a valorização da produção quilombola tem um impacto profundo na autoestima e no fortalecimento das comunidades. Ver seus produtos reconhecidos e comercializados amplia a percepção de valor sobre suas práticas e cria um ciclo virtuoso em que as tradições são preservadas e transmitidas para as próximas gerações. Essa transmissão de saberes é essencial para reafirmar a identidade quilombola em um mundo em constante transformação, garantindo que a cultura e as práticas dessas comunidades continuem vivas.

Portanto, esta cartilha não apenas apresenta um panorama das produções quilombolas, mas também serve como um convite à reflexão e à ação. Apoiá-las significa não apenas contribuir para sua sustentabilidade econômica, mas também reconhecer a relevância de suas práticas para um Brasil mais inclusivo, diverso e justo. Que os exemplos e análises aqui apresentados inspirem ações concretas de fortalecimento e valorização das comunidades quilombolas, assegurando que seu legado cultural e ambiental continue a enriquecer o país e o mundo.

POSFÁCIO



**Maria Aparecida Ribeiro de Sousa, do Quilombo Povoado do Prata,
São Félix (Jalapão, TO)**

A experiência da amostra no Encontro de Mulheres Quilombolas da CONAQ foi muito rica, porque temos a ideia equivocada de que as mulheres não produzem. No entanto, na feira, vimos a grande diversidade da produção feminina.

Trabalhamos mais com a ideia de amostra do que de feira. As amostras são mais amplas e não se limitam apenas à produção de alimentos; também incluem joias, bolsas, ervas medicinais, óleos naturais, temperos e artesanato.

O maior desafio que as comunidades quilombolas enfrentam é o processo de organização dos produtos que, de fato, podem ser comercializados. Na maioria das vezes, o que é vendido de forma mais ampla é o artesanato, por ser algo mais simples e acessível para que as lideranças possam levar em viagens. Temperos, buriti, farinha, bolos, feijão — são diversos os itens produzidos pelas comunidades, mas que acabam esbarrando em normas e exigências legais. Outra questão importante diz respeito à padronização e às embalagens dos produtos. Por isso, nós, juntamente com o coletivo de mulheres, precisamos dialogar com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) para entender como será feita a orientação às comunidades.



Outro desafio que percebi foi a questão dos preços. Ainda temos muito medo de precificar nosso trabalho, e me assustei ao ver como as mulheres estão colocando preços muito baixos em seus produtos. Falta uma análise mais cuidadosa do valor do trabalho, especialmente em peças bordadas à mão.

Estamos conseguindo comercializar produtos quilombolas, como baru, pequi e castanhas, para outros mercados. Nós, da central, já avançamos nesse processo, mas precisamos terceirizar esse serviço devido a questões como embalagens e os estudos necessários para que esses produtos cheguem adequadamente ao mercado externo.

Além disso, essa estruturação depende muito do governo, assim como de parcerias com estados e prefeituras. Hoje, é uma grande conquista ver as comunidades conseguindo expor seus produtos em espaços internacionais. "Vocês não vão vender um produto só porque ele é do Cerrado. Vocês vão vender um produto com identidade, um produto de uma comunidade quilombola."

Mais do que garantir o selo quilombola, é essencial estruturar de forma concreta todo esse processo, assegurando que o selo tenha um impacto real e efetivo. Temos muita produção e condições de organizar desfiles, exposições de produtos e demonstrações de técnicas, porque nossa diversidade de artesanato, alimentos e saberes produtivos é imensa.

É fundamental mostrar que nosso artesanato tem valor. Quando você conversa diretamente com uma artesã, percebe a opressão que muitas vivem dentro de casa. E, ao mesmo tempo, vê a felicidade dessas mulheres quando ministras e lideranças falam sobre suas produções. A expressão no olhar delas diz tudo: "Alguém está vendo o meu trabalho."



Foi muito significativo ver todas as pessoas levando seus produtos — feijão, farofa de carne, batata-doce... E isso trouxe uma reflexão: em que outro contexto de feira eu poderia comercializar esses itens? Nosso maior desafio é mapear nossa produção, qualificar nossos produtos e fortalecer a cadeia produtiva, para que possamos realmente alcançar um nível sustentável de comercialização.

Outra questão sobre a produção é o momento de conexão que a mulheres tem, como uma terapia, uma terapia coletiva, tem o momento que as mulheres costuram juntas, e é o único momento que as mulheres se reúnem. Precisamos reativar esses momentos de troca (coletividade), porque é terapêutico, que seja a quebra do coco, a catada do capim dourado, a panha do buriti.

E ver, olhar no olho das mulheres, a esposa do presidente do Brasil passando pelos produtos delas, pegando, elogiando... é o sentimento de que “o que estou fazendo não está errado”. É a certeza de que haverá pessoas interessadas, dispostas a comprar. Ter esses espaços de amostra é o que fortalece, o que faz a gente acreditar que o que estamos fazendo está certo — e é muito bom. Isso fortalece de verdade. É também um fortalecimento geracional. Porque, a partir do momento em que você vê sua produção sendo valorizada e comercializada, você consegue passar esse conhecimento para as filhas, filhos, netas e netos.



ARRANJOS PRODUTIVOS

Nos TERRITÓRIOS
QUILOMBOLAS



NÃO EXISTE JUSTIÇA AMBIENTAL SEM A TITULAÇÃO DOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

